

### ALTERAÇÕES ULTRAESTRUTURAIS DE *Azolla caroliniana*, e *Lemna gibba* EXPOSTAS A ATRAZINE

GUIMARÃES, F. P. \* (UFV, Viçosa – MG, fpguimares@gmail.com); KARAM, D. (Embrapa, Sete Lagoas – MG; karam@cnpmc.embrapa.br); AGUIAR R. (UFV, Viçosa – MG, roaguiar@ufv.br).

Com o objetivo de avaliar o efeito de atrazine na ultraestrutura de duas macrófitas aquáticas, *Azolla caroliniana* e *Lemna gibba*, plantas das duas espécies foram expostas durante três dias a solução de Hoagland (1/4 força) contendo 0,1 mg L<sup>-1</sup> de atrazine. Após este período, a parte aérea das plantas foi examinada em microscopia eletrônica de varredura (MEV), revelando que a *Azolla caroliniana* tratada com atrazine apresentava os folíolos totalmente alterados. As células epidérmicas estavam completamente plasmolisadas e os folíolos apresentaram os bordos enrolados. Não foi detectada a presença de colônias de cianobactérias simbióticas do gênero *Anabaena* em *A. caroliniana*. A ultraestrutura de *L. gibba* evidenciou o tecido epidérmico contendo células desorganizadas e plasmolisadas, associado a grande quantidade de cera removida sobre as superfícies adaxial e abaxial. O meristema apical da raiz estava danificado, ficando as células plasmolisadas. Os estômatos, presentes na região adaxial da folha, permaneceram fechados e, as células-guarda estavam danificadas. No grupo controle, as duas espécies apresentaram epiderme com células túrgidas e estômatos íntegros, permitindo inferir que a atrazine afeta a ultraestrutura de *A. caroliniana* e *L. gibba*, em três dias de exposição a 0,1 mg L<sup>-1</sup> do herbicida.

**Palavras-chave:** plantas aquáticas, células, microscopia eletrônica de varredura.